

O POTENCIAL DO USO DO DESENHO E DO CONCEITO DE PAISAGEM PARA O ENSINO DE COMPONENTES FÍSICO-NATURAIS COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO

The potential of use of the drawing and concept of landscape for teaching physical - natural components, with children in early years of the elementary school

El potencial del uso de dibujo y del concepto de paisaje para la enseñanza de componentes físico-naturales con niños de los años iniciales de escolarización

Fabiana Rodrigues Oliveira Queiroz *

Adriana Olívia Alves**

*Doutoranda da Universidade Federal de Goiás - disas.fabiana@gmail.com

**Professora Titular da Universidade Federal de Goiás - adrianaolivia.ufg@gmail.com

Recebido em 20/10/2019. Aceito para publicação em 20/10/2019.
Versão online publicada em 10/11/2019 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Este trabalho tem suas origens em uma pesquisa doutoral, em andamento, situada no campo do Ensino de Geografia e busca contribuir com algumas reflexões acerca do ensino desse componente curricular nos Anos Iniciais de escolarização, a partir de um olhar que se volta para os sujeitos alvo do processo de ensino. O desenho infantil, compreendido como uma linguagem muito presente na infância soma-se a um caro conceito da Geografia: a paisagem, como possibilidade para encaminhar o ensino de temas da Geografia com crianças escolares. Aqui, realizamos apontamentos que versam sobre componentes físico-naturais, mas que podem ser ampliados para outros temas tratados pela Geografia. Para tanto, buscamos estabelecer diálogos entre os campos da Infância, da Geografia da Infância e do Ensino de Geografia. Aportados, sobretudo, nos referenciais teóricos dos seguintes autores: Vigotski (2009), Cavalcanti (2013, 2012), Callai (2013, 2014), Morais (2011, 2013), Marques (2006), Miranda (2005) e Lopes (2008, 2009, 2017). O trabalho se ancora nos pressupostos da pesquisa qualitativa do tipo participante e apresenta o uso de desenhos infantis como valiosa estratégia metodológica de pesquisa e de ensino. Se por um lado, é essencial que os conhecimentos historicamente sistematizados, como os da ciência geográfica, sejam apropriados pelos sujeitos histórico-culturais em seu processo de humanização, por outro, torna-se imprescindível considerar nesse processo as especificidades dos sujeitos. Nessa linha, consideramos que a articulação entre o desenho e o conceito de paisagem apontam indícios de contribuição a construção de conhecimentos relacionados ao ensino e a aprendizagem de componentes físico-naturais como relevo e vegetação.

Palavras-chave: Desenho. Paisagem. Crianças Escolares. Anos Iniciais. Componentes Físico-Naturais.

Abstract:

This work has its origins in a doctoral research, in progress, located in the field of Geography Teaching and seeks to contribute some reflections on the teaching of this curricular component in the Early Years of schooling, from a look that turns to the childrens, target of the process teaching. The childish's drawing, understood as a language very present in childhood add up an important concept of Geography: the landscape, as a possibility to forward teach Geography topics with school children. Here, we make notes about physical-

natural componentes, but that can be extended to other topics in the Geography. To this end, we seek to establish dialogues between the fields of the childhood, of the childhood's geography and the teaching of the geography. Based on the theoretical references of the following authors: Vigotski (2009), Cavalcanti (2013, 2012), Callai (2013, 2014), Morais (2011,2013), Marques (2006), Miranda (2005) e Lopes (2008, 2009, 2017). The work is anchored on the assumptions of qualitative research of the participant type and features the use of the childish's drawing as a valuable teaching and research strategy. If, on the one hand, it is essential that historically systematized knowledge, such as that of geographical science, be appropriated by cultural-historians in their process of humanization, on the other, it is essential to consider in process at specificities of persons. In this line, we consider that the articulation between drawing and the concept of landscape contribution to the construction of knowledge related to the teaching and learning of physical-natural components such as relief and vegetation.

Key-words: Drawing. Landscape. School Children. Early Years. Physical-Natural Components.

Resumen:

Este trabajo tiene sus orígenes en una investigación doctoral, en continuación, situada en el campo de enseñanza de Geografía y intenta aportar con algunas reflexiones acerca de la enseñanza de ese componente curricular en los Años iniciales de escolarización a partir de un mirar que vuelve a los sujetos alvo del proceso de enseñanza. El dibujo infantil, comprendido como un lenguaje muy presente en la niñez se suma a un caro concepto de la Geografía: el paisaje, como posibilidad para encaminar la enseñanza de temas de la Geografía con niños escolares. Aquí, realizamos apuntes que versan sobre componentes físico-naturales, pero que pueden ser ampliados para otros temas tratados por la Geografía. Por lo tanto, buscamos establecer diálogos entre los campos de la niñez, de la Geografía de la niñez y de la enseñanza de Geografía. Aportados, sobre todos, en los referenciales teóricos de los siguientes autores: Vigotski (2009), Cavalcanti (2013, 2012), Callai (2013, 2014), Morais (2011,2013), Marques (2006), Miranda (2005) y Lopes (2008, 2009, 2017). El trabajo se basa en las premisas de la investigación cualitativa del tipo participante y presenta el uso de dibujos infantiles como valiosa estrategia metodológica de investigación y de enseñanza. Si por un lado, es esencial que los conocimientos historicamente sistematizados, como los de la ciencia geográfica, sean adecuados por los sujetos histórico-culturales en su proceso de humanización, por el otro, se vuelve imprescindible considerar en esos procesos las especificidades de los sujetos. En esa línea, consideramos que la articulación entre el dibujo y el concepto de paisaje apuntan indicios de contribución a la construcción de conocimiento relacionados a la enseñanza y el aprendizaje de componentes físico-naturales como el relevo y vegetación.

Palabras-clave: Dibujo. Paisaje. Niñez Escolares. Años Iniciales. Componentes Físico-Naturales.

1. Introdução

A particularidade da criação no âmbito individual implica, sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história [...] a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações de gênios. (VIGOTSKI, 2009, p.10 -15)

As palavras de Vigotski nos indica a relevância da criação humana no contexto de

sua inserção e participação histórica, cultural e geoespacialⁱⁱ. Fala-nos Vigotski acerca de uma criação que não se restringe a um grupo específico de pessoas para, a partir daí, destacar a valorização do ato criativo presente nas distintas formas de realizações humanas e em diferentes níveis de grandeza.

Partindo desse pressuposto, tomamos a infância como tempo de vida que participa da cultura histórica, social e espacialmente situada (LOPES 2008, 2009, 2017) e, tratamos aqui da criação na infância como fenômeno igualmente significativo e potencialmente relevante aos processos de ensino e aprendizagem. Nessa lógica, as crianças, como sujeitos ativos e participantes da cultura de seu tempo imagina, cria, recria, significa e ressignifica os elementos que compõem sua vivência e expressa o resultado desse movimento por meio de diferentes linguagens.

O desenho, portanto, emerge como uma das linguagens que as crianças, frequentemente, lançam mão para se expressarem ao outro (crianças e/ou adulto). E figura, como uma atividade criadora que pode congrega realidade e/ou imaginação, uma vez que, a imaginação está diretamente vinculada ao processo de criação e se constitui como formação especificamente humana que se difere em crianças e adultos, exatamente, porque os interesses de ambos são diferentes (VIGOTSKI, 2009).

Desse modo, compreendemos ser relevante apontar que o lugar de onde falamos se relaciona ao ensino e a aprendizagem de Geografia com crianças dos Anos Iniciais de escolarização. Sendo que, o processo educacional nesse segmento passa por uma complexa cadeia de variáveis que podem refletir sobre o processo de constituição de conhecimentos atinentes a ciência geográfica, dentre os quais apontamos o conhecimento dos alunos e suas característicasⁱⁱⁱ como uma variável muito significativa nesse processo.

Essa questão, nos faz pensar que trabalhar Geografia por meio do uso do desenho e de forma associada ao conceito de paisagem, (entendido como conceito caro a ciência geográfica e indicado por documentos curriculares oficiais – Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Curricular Comum, como um dos mediadores do ensino nos Anos Iniciais) pode constituir-se em estratégia metodológica relevante ao processo de ensino e aprendizagem com crianças escolares, pois conjuga aspectos do visível a uma prática bastante usual entre as crianças: o desenhar.

E isso, exatamente, porque os desenhos podem trazer à tona saberes, práticas espaciais, percepções e atividades infantis a serem constituintes de um trabalho pedagógico que contém, valida e considera as crianças enquanto sujeitos que podem participar de forma ativa e participativa das ações em que estão diretamente implicadas.

Assim, ratificamos a compreensão de que o ato de desenhar das crianças (em geral) e das crianças escolares, contém o que Vigotski (2009) convencionou chamar de imaginação criadora, cujas bases se firmam na inserção social, história, cultural e também geográfica, entendida como condição passível de ser considerada e valorizada no processo de ensino.

Ademais, o desenho apresenta ter uma relação histórica com a Geografia “[...] através dos croquis, esboços de paisagem, esquemas gráficos de localizações, distribuições e extensões espaciais feitos em observações de campo ou através da memória” (MIRANDA, 2005, p.3). Se caracteriza por ser uma representação gráfica expressa como forma de comunicação não verbal situada no complexo da cadeia da

comunicação humana, ou seja, uma linguagem que se configura a partir da experiência mediada do sujeito, pelos elementos da cultura e a partir de sua relação com o outro, na busca por formas de construção e instauração de sentido na vida humana, como podemos constatar nas contribuições teóricas de Vigotski e Bakhtin acerca da linguagem.

A paisagem, por sua vez, pode ser entendida em Geografia como um dos mediadores conceituais criados para pensar a realidade do espaço geográfico. Ao seu lado, há outros que de igual importância podem auxiliar na leitura e análise do espaço geográfico. Em nossa pesquisa, a paisagem se constitui como conceito ou expressão do espaço, fundamental para a estruturação das nossas problematizações acerca do uso do desenho, como linguagem e recurso didático para as atividades de ensino de conteúdos geográficos, inclusive àqueles relacionados aos componentes físico-naturais do espaço.

Sobre o tema, Morais (2013, p.31) ressalta que a busca por uma aprendizagem significativa, acerca dos componentes físico-naturais do espaço geográfico, passa pela necessidade de “que o conhecimento científico se dê com base na construção de conceitos e que o aluno seja visto como o centro do processo, e o professor, como um mediador”, o que justifica nossas escolhas em relação a eleição do desenho e do conceito de paisagem na constituição de uma metodologia para o ensino de Geografia com crianças escolares.

E isso, exatamente, porque nossa perspectiva é de contribuir com as reflexões acerca do ensino de Geografia nos Anos Iniciais de escolarização, tarefa já iniciada por pesquisadores como Callai (2014) e Straforini (2012) e com a qual propomos dar continuidade, a partir de um olhar que se volta para os sujeitos alvo do processo de ensino, tendo a integração da linguagem do desenho ao conceito de paisagem como elementos estruturadores de uma metodologia de ensino como crianças, inclusive, para o trabalho com os temas tratados no interior da Geografia Física.

2. Metodologia

Com base na exposição e discussão das questões introdutórias, tem-se nas páginas seguintes um recorte de cenários de uma pesquisa doutoral, em andamento, que se ancora nos pressupostos da pesquisa qualitativa do tipo participante e apresenta o uso de desenhos infantis como valiosa estratégia metodológica de pesquisa e de ensino. O conceito de paisagem, se insere nessa proposta figurando como orientador da atividade de ensino com o desenho.

Nos apoiamos na dialética como método que orienta nossas análises, na vertente crítica como referência para pensar o ensino de Geografia e nos aportes da teoria histórico cultural de Vigotski e seus colaboradores para orientar nossas reflexões no âmbito pedagógico. Buscamos, ainda, estabelecer diálogos entre os campos da Infância, da Geografia da Infância e do Ensino de Geografia. Aportados, sobretudo, nos referenciais teóricos dos seguintes autores: Vigotski (2009), Cavalcanti (2013, 2012), Callai (2013, 2014), Morais (2011,2013) e Lopes (2008, 2009, 2017) Marques (2006), Miranda (2005).

Como unidade de análise, para o desenvolvimento empírico da pesquisa, temos o trabalho em escolas da Rede Municipal de Ensino de Goiânia^{iv}, e em seu interior buscamos trabalhar com 3 professores pedagogos efetivos, distribuídos em três escolas

da rede. As crianças escolares, sob a responsabilidade de ensino, desses profissionais também compõem o cenário da pesquisa.

Para a seleção dos professores, estabelecemos como critério a opção por sujeitos que estejam atuando no Ciclo II e no 4º ano de escolarização e que estivessem dispostos a participar da pesquisa. O sistema de Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano é adotado pela Rede Municipal de Ensino de Goiânia (RME), como forma de dar tratamento adequado aos seus educandos, segundo os ciclos de desenvolvimento dos mesmos (MORAIS, 2011). O professor pedagogo, por sua vez, pode atuar em diferentes etapas da educação básica. O quadro 1, a seguir, apresenta uma síntese da organização desse sistema em Goiânia. Destacamos em amarelo o Ciclo, Idade, Ano e a Fase de escolarização, no qual a pesquisa está sendo realizada.

Quadro 1: Estrutura do Ensino Regular da RME de Goiânia, 2018

Nível: Educação Básica RME - Goiânia						
	Idade	Etapas do ensino básico regular atendidas:			Professor que atua	
	0	Educação Infantil e			Pedagogo	
	1					
	2					
	3					
	4					
	5					
Ciclo I	6	1º ano	1ª Fase	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Pedagogo	
	7	2º ano			Pedagogo	
	8	3º ano			Pedagogo	
Ciclo II	9	4º ano	2ª Fase	Anos Finais do Ensino Fundamental	Pedagogo	
	10	5º ano			Pedagogo	
Ciclo III	11	6º ano			Professor	Professor Especialista
	12	7º ano				
	13	8º ano				
	14	9º ano			Professor Especialista	

Fonte: Organizado pelas autoras 2018, a partir de dados obtidos em Morais (2011) e no site: <http://www.sme.goiania.go.gov.br/index.php/educacao-basica>.

A opção pelo 4º ano do Ciclo II, parte da nossa compreensão de que a leitura e a escrita são estruturantes para a aprendizagem em outras áreas do conhecimento e que esse processo ocorre de forma mais pontual no ciclo I, ou ciclo de alfabetização, conforme sinaliza diferentes políticas federais de formação continuada de pedagogos que se voltam para esse fim. A mais recente delas, se direciona para os três primeiros anos de escolarização com uma aposta na alfabetização até os 8 anos de idade, como presume a política que instituiu o Programa do Governo Federal: Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa^v / PNAIC.

Desse modo, no Ciclo II as crianças escolares, teoricamente, já possuem proficiência na leitura, escrita e no cálculo conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, o que pode dar margem para maior investimento em outras áreas do conhecimento e permitir ir além, nesse Ciclo, do ensino

de português e matemática, disciplinas que historicamente são mais valorizados no sistema de ensino brasileiro. No nosso caso, apostamos no ensino de Geografia nos anos iniciais em sua completude, mas de forma mais pontual no Ciclo II de escolarização que precede o trabalho a ser desempenhado em anos posteriores pelo professor especialista que na RME Goiânia pode, esporadicamente, atuar no Ciclo II, mas sua inserção principal ocorre apenas no Ciclo III, ministrando aulas para alunos a partir de 12 anos, como apontado no quadro1.

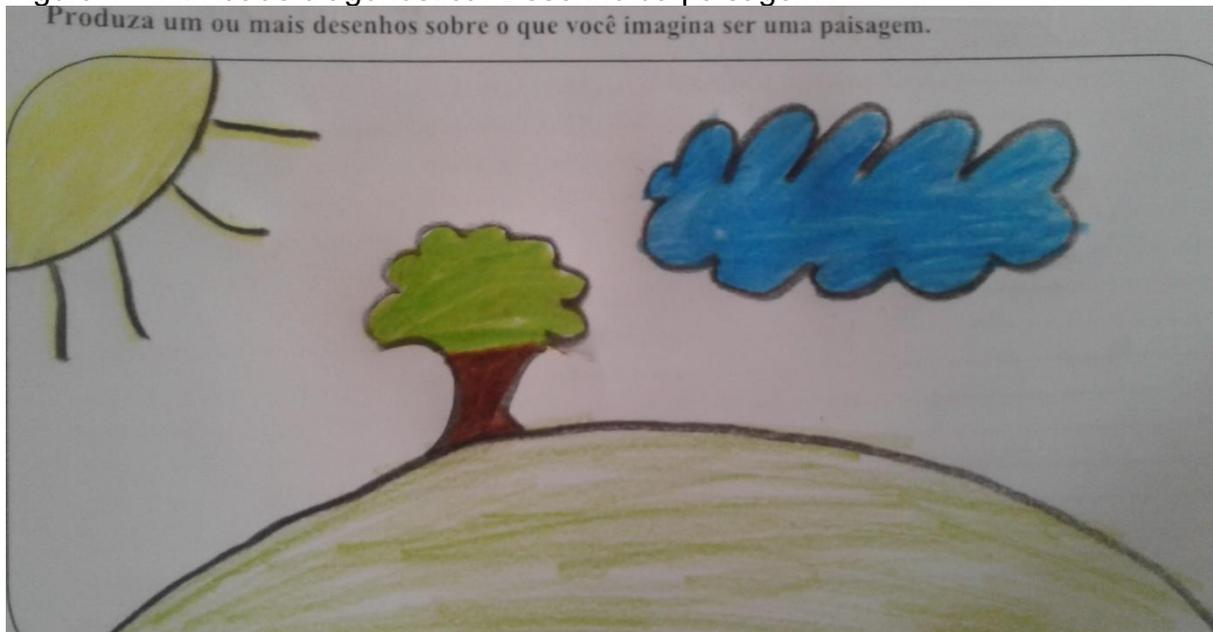
3. Resultados e discussão

Os resultados parciais da pesquisa, têm revelado importantes aspectos acerca da discussão sobre o uso do desenho, entre os quais, elencamos seu potencial tanto como estratégia metodológica de pesquisa quanto de ensino, pois mobiliza uma linguagem própria das crianças, além de figurar como resultante da imaginação criadora. A esse respeito, Marques (2006) aponta que seu uso representa elemento impulsionador do pensamento criativo pois possibilita

a organização da experiência do nosso conhecimento. Quando desenhamos somos constantemente confrontados com novas e antigas aprendizagens, com novos e antigos conhecimentos. O desenho possibilita, sem hierarquia, organizar esta informação no sentido de tornar visível o que se conhece ou inventa num determinado momento (MARQUES,2006, p.64).

Ao analisarmos uma atividade diagnóstica, realizada pelas crianças participantes da pesquisa acerca dos conhecimentos que apresentam sobre o conceito de paisagem, fica evidente os apontamentos de Marques (2006) sobre o potencial do desenho, conforme apresenta a figura 1.

Figura 1 – Atividade diagnóstica: Desenho da paisagem

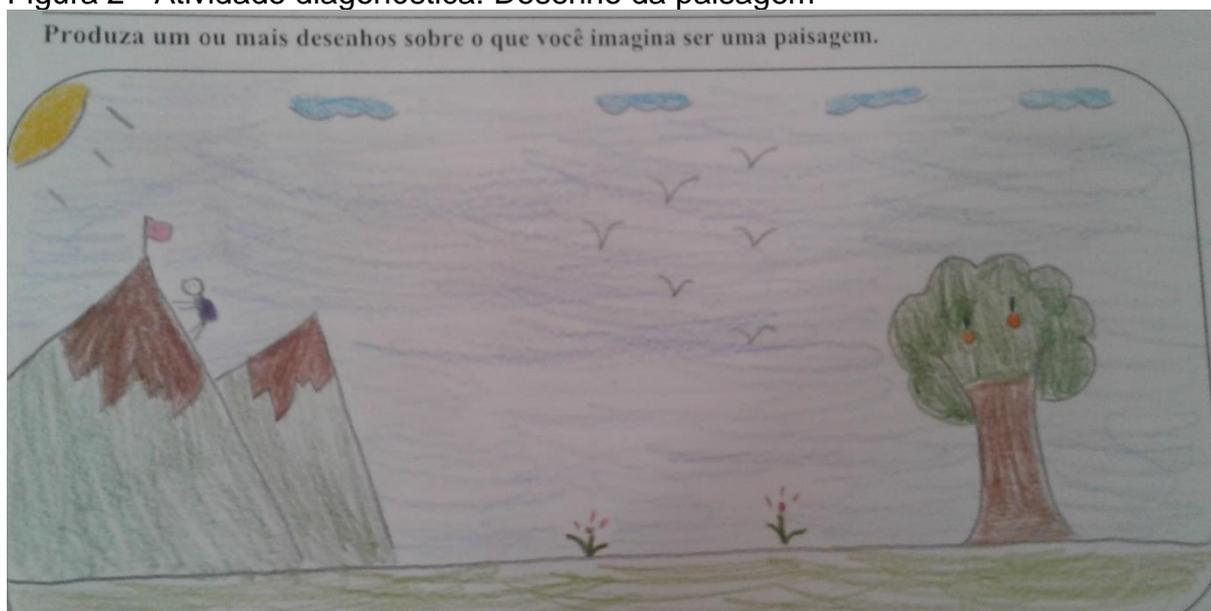


Fonte: acervo de pesquisa das autoras, 2018.

Nesse sentido, a análise do desenho da figura 1 além de apontar a potencialidade

do desenho e do conceito de paisagem como estratégia metodológica, nos auxilia no entendimento de que, permeia no imaginário da criança a clássica ideia de paisagem composta pela presença preponderante de elementos físico-naturais, assim como também é evidenciado na figurada 2, a seguir. Entendemos, portanto, que tal constatação, pode contribuir para a intervenção intencional do professor para a transformação qualitativa dessa concepção.

Figura 2 - Atividade diagnóstica: Desenho da paisagem



Fonte: acervo de pesquisa das autoras, 2018.

Também, é evidente o destaque atribuído aos componentes espaciais: relevo e vegetação (que vigora como representantes da natureza) nas produções criadas acerca da paisagem (Ver figuras 1 e 2). Essa situação torna-se compreensível a partir da constatação de que “é na paisagem que se fazem visíveis determinadas formas do modelado e alguns dos processos que o constituem” (MORAIS, 2013, p. 57). Todavia, as escalas de abordagem do componente relevo mostram-se circunscritas às macroformas (ver figura 2, a seguir), o que demandaria trabalhar a dimensão de temporalidade na análise e interpretação da paisagem, conforme nos lembra Callai (2013).

Tal abordagem, “exige um longo deslocamento temporal para a compreensão de seus processos constituintes. Ao mesmo tempo, essas macroformas dizem respeito a forma de relevo não prontamente visível pela paisagem” (MORAIS, 2013, p. 56). Mas que são abordagens recorrentes no âmbito do ensino de relevo, sendo que, muitas vezes seu ensino se restringe ao estudo conceitual informativo das macroformas: planaltos, planícies e depressões (ROQUE ASCENÇÃO, 2009, apud MORAIS, 2013).

Por essa razão, assim como são importantes os estudos do relevo no âmbito das macroformas, defende-se a ideia de trabalhar conteúdos do relevo com base na referência do vivido. Entendendo essa, como forma de mobilizar conhecimentos prévios dos escolares acerca do espaço geográfico, ampliá-los mediante observação do cotidiano e permitir que com tais conhecimentos esses sujeitos sociais possam orientar suas práticas cotidianas.

A discussão acerca da relevância da dimensão do vivido para o ensino em Geografia pode ser encontrada em Cavalcanti (2013, 2012), ao indicar a necessidade de se considerar o conhecimento dos escolares na composição pedagógica do ensino de Geografia. Na esteira desse pensamento, Lopes (2008, 2009, 2017) destaca que o ser e o estar das crianças no mundo porta uma grandeza geográfica que não pode ser desconsiderada, e a essas reflexões acrescentamos o pensamento de que considerar a dimensão do vivido nas atividades pedagógicas podem qualificar e ampliar os conhecimentos das crianças escolares sobre relevo, em macro e/ou micro escalas.

4. Considerações finais

Imaginação e criação na infância, parafraseando Vigotski, mostram-se como elementos presentes e recorrentes nas ações das crianças.

No ambiente escolar, isso não é diferente e nesse sentido compreendemos que se por um lado, é essencial que os conhecimentos historicamente sistematizados, como os da ciência geográfica, sejam apropriados pelos sujeitos histórico-culturais em seu processo de humanização, por outro, torna-se imprescindível considerar nesse processo as especificidades dos sujeitos.

Nessa linha, consideramos que a articulação entre o desenho e o conceito de paisagem apontam indícios de contribuição a construção de conhecimentos relacionados ao ensino e a aprendizagem de componentes físico-naturais como relevo e vegetação.

Notas

¹Existem outras grafias para o nome de Vigotski nas literaturas científicas ocidentais. Optamos pelas traduções mais recentes que grafam seu nome com i e não com y.

²O uso do termo se relaciona a presença da dimensão do espaço geográfico como inerente as ações humanas. Figura como um complemento do conceito histórico-cultural para indicar o lugar de onde falamos.

³O conhecimento dos alunos e de suas características, aparece em Schulman (2005) como uma das categorias necessárias a composição da base de conhecimentos docentes.

⁴A esfera municipal se constitui como ente federado responsável pela oferta de Educação Infantil e Ensino Fundamental conforme LDB 9394/1996.

⁵<http://pacto.mec.gov.br/legislacao>. Acesso em: Abr. de 2018.

5. Referências

BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/julho->

2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> Acesso em: abril de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília, 1997. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>> Acesso em: abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: dez. de 2017.

CALLAI, H. C. Estudar a paisagem para aprender a geografia. In GARRIDO, Marcelo Pereira (compilador): **La opacidade del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos = A opacidade da paisagem: formas, imagens e tempo de ensino** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013, 248p.

_____. A Geografia é ensinada nos anos iniciais? Aprende-se Geografia nos anos iniciais? In: In: CASTROGIOVANI, A. C. [et al]. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CAVALCANTI, L.S. Apre(e)nder a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas. In GARRIDO, Marcelo Pereira (compilador): **La opacidade del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos = A opacidade da paisagem: formas, imagens e tempo de ensino** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

_____. A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea. In: TONINI, I.M. [et al]. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LOPES, J. J. Geografia da Infância: Onde encontramos as crianças? In: **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. p.101-118.

_____. Geografia das crianças, Geografia das infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**. E. Unijuí. Ano 23. Nº 79. Jan/Jun.2008, p. 65-82.

_____. As Crianças, suas Infâncias e suas Histórias: mas por onde andam suas geografias? **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31- 44, set. 2008 /jan.2009

MARQUES, J. S. **As imagens do desenho: percepção espacial e representação**. (Trabalho de Síntese) Faculdade de Belas Artes do Porto, 2006.

MIRANDA, S. L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica**. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005, 162f.

MORAIS, E. M. B. de. **O ensino das temáticas físico-naturais na Geografia escolar**. 2011. 310 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. As temáticas físico-naturais como conteúdo de ensino da geografia escolar. In: In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.) **Temas da geografia na escola básica**. 1ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013, p. 13-44.

SCHULMAN, L. S. “ Conocimiento y enseñanza: Fundamentos de la nueva reforma”. **Profesorado. Revista de Currículum y Formación del Profesorado**, ano 9, n. 2. Granada, pp. 1 – 30. Disponível na internet: <http://www.ugr.es/local/recfpro/rev92art1.pdf>, acesso em 27/05/2018>

STRAFORINI, R. **O ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental: um olhar a partir dos registros de classes de seus sujeitos praticantes**. In: BENTO, I. P.; OLIVEIRA, K. A. T. de. (Org.). **Formação de professores: pesquisa e prática pedagógica em geografia**. Goiânia: Editora PUC-Goiás, 2012. p.79-101.